

15230 - A Feira da Freguesia da Terra de Mostardas

The Fair of Freguesia da Terra

KRAEMER, Matias Felipe Eidelwein¹; ARNT, Mônica de Andrade²

1 EMATER/RS-ASCAR, mkraemer@emater.tche.br; 2 EMATER/RS-ASCAR, marnt@emater.tche.br

Resumo: A Feira da Freguesia teve origem na articulação entre membros da comunidade, através da Associação Freguesia da Terra, visando a instituição de uma atividade coletiva que promovesse a diversificação da produção e o acesso ao mercado. Além disso, a constituição da feira buscava possibilitar uma alternativa ao êxodo rural para as famílias, e proporcionar a comercialização direta de alimentos cultivados localmente sem o uso de agrotóxicos. Apesar dos avanços obtidos e das dificuldades superadas, atualmente as famílias agricultoras encontram novos desafios para manterem suas atividades produtivas sem a contaminação por agrotóxicos e que superem as barreiras da legislação sanitária.

Palavras-Chave: Feira Ecológica; Produção Orgânica; Associação Comunitária Quilombola dos Teixeiras.

Abstract: The *Feira da Freguesia* originated in the interaction between members of the community, through the *Freguesia da Terra* Association, aimed at establishing a collective activity that promotes the diversification of production and market access. Moreover, the constitution of the fair seeking to provide an alternative to the rural exodus to the families, and provide the direct marketing of locally grown foods without the use of pesticides. Despite the progress made and difficulties overcome, currently farming families are new challenges to keep their productive activities without contamination by pesticides and to overcome the barriers of health legislation.

Keywords: Ecological Fair, Organic Production; *Quilombola* Community Association of Teixeiras.

Contexto

A Feira da Freguesia da Terra vem sendo realizada há 15 anos todas as sextas-feiras na praça central da cidade de Mostardas (Praça Prefeito Luiz Chaves Martins). Este município está localizado na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil, bem no centro da península costeira que separa a Laguna dos Patos do Oceano Atlântico.

O município tem aproximadamente 12 mil habitantes e sua base econômica são as atividades produtivas do meio rural, principalmente arroz, pecuária de corte, silvicultura e cultivos de sequeiro – dentre eles, destaca-se a cebola, além do milho, feijões, diversas variedades de batatas e cucurbitáceas.

Assim como em outras regiões rurais, ocorreu no município um forte processo de êxodo rural, onde as “chácaras” (categoria local para a unidade produtiva familiar) cederam espaço à monocultura do arroz. As famílias que permanecem no campo mantêm uma diversidade de cultivos e criações destinadas ao autoconsumo familiar.

Na unidade de produção familiar a maior porção de terras é destinada ao campo nativo e/ou alguma pequena área de arroz. O cultivo da cebola outrora muito importante para a agricultura familiar do município, atualmente é mantido por somente uma centena de famílias que não cultivam todas mais de 150 hectares. Mesmo assim é neste cultivo que muitas famílias apostam ou empregam seu maior esforço no ciclo anual de produção.

No “cercado” (categoria local para a roça, que designa onde se cultivam as espécies de sequeiro), encontra-se, na maioria dos casos, policultivos das espécies para autoconsumo. É um espaço também destinado ao cultivo de variedades locais, ou crioulas. A fruticultura encontra pouco espaço, muito embora presente em praticamente todas as famílias rurais, as quais denominam este espaço de horta.

Além das trocas, monetarizadas ou não, entre vizinhos, estas famílias produzem com objetivos comerciais principalmente a cebola e/ou o arroz. Também é objetivo de comércio informal uma série de produtos processados ou não, de origem animal e vegetal, que circulam através das redes sociais locais. Dependendo da situação a renda familiar pode ainda ser complementada pela venda da força de trabalho familiar às “granjas” de arroz (categoria local que se refere às fazendas especializadas na monocultura do arroz), estâncias de criação de gado e empresas que exploram os produtos da silvicultura (madeira e resina extraídas das monoculturas de *Pinus elliottii*).

O principal desafio aos agricultores familiares do município está relacionado à diversificação produtiva e acesso ao mercado. A diversificação poderia reduzir a dependência destes agricultores da matriz produtiva estruturada em torno do arroz irrigado (acesso a terra ou à água, maquinário, infraestrutura de secagem e armazenamento, etc.), ou do circuito de comercialização da cebola. Entretanto a diversificação deve vir articulada com a criação e busca de novos mercados, muitas vezes fora do município.

Sem conseguir superar tais desafios é que muitos agricultores foram reduzindo seus sistemas produtivos para garantirem apenas a produção para autoconsumo, ou até mesmo abdicando dos mesmos para residir na sede do município. Em busca de uma alternativa para esse quadro é que as famílias que hoje participam de feiras ou comercializam diretamente aos consumidores é que possuem as melhores perspectivas de desenvolvimento de seus sistemas produtivos.

Descrição da experiência

A elaboração deste relato tomou por base o acompanhamento da feira e do cotidiano dos agricultores que dela participam através da atuação nas ações de extensão rural do Escritório Municipal da EMATER-RS/ASCAR. Para a complementação de dados etnográficos construídos com base na técnica de observação participante, foram realizadas entrevistas com produtores que participam da feira desde seu princípio.

A mobilização para realizar a feira derivou da necessidade de se criar alternativas econômicas às famílias e possibilitar o acesso da população urbana a alimentos de qualidade produzidos sem o uso de agrotóxicos. Além disso, estes alimentos comprados diretamente dos agricultores fortalecem uma rede local de segurança alimentar e nutricional e é estimulada a manutenção da agrobiodiversidade local.

Os principais atores sociais envolvidos com este objetivo são as famílias agricultoras, os consumidores urbanos, a Prefeitura Municipal de Mostardas e o Escritório Municipal da EMATER-RS/ASCAR.

Em 1998, dois agricultores que já vendiam verduras e outros produtos da terra de forma “ambulante” pela cidade, passaram a frequentar semanalmente a praça central. Foi de um deles a iniciativa de colocar em contato sua comunidade e o governo municipal, através da Secretaria de Agricultura, onde foi buscar apoio para a organização da feira, o que resultou em 1999, a fundação da freguesia.

Desencadeou-se, então, uma série de eventos que resultariam na realização da feira, como a participação em cursos de formação em agricultura orgânica no Sítio Pé na Terra, em Novo Hamburgo; visita a propriedades voltadas à olericultura em Maquiné; a construção das instalações do espaço onde ocorre a feira até o presente e a criação da Associação Freguesia da Terra.

O termo “Freguesia” remete à antiga Freguesia de Mostardas, de ascendência açoriana e africana. Participam da associação famílias do Rincão do Cristóvão Pereira, Valim e Teixeiras. Na localidade dos Teixeiras é reconhecida pela Fundação Palmares a presença de uma comunidade quilombola, da qual fazem a maioria dos participantes da feira.

No princípio, cada agricultor começou a participar da feira levando apenas sua produção excedente, somando a estes alguns produtos tradicionais, como réstias de cebola, que “vinha gente de longe comprar”. Artigos identificados com a cultura local e valorizados na feira, dentre eles o milho catete branco e sua farinha, a cebola roxa, batata-doce, batata-abóbora, feijões (feijão-amendoim, roxo, preto, miúdo, “feijão de vagem”, “feijão-quarenta-dias”, feijão sopinha, etc). Hoje são mais de 50 variedades de diversas espécies comercializadas *in natura*, minimamente processadas ou processadas de forma artesanal.

Resultados

Atualmente, o número de famílias participantes é o mesmo de quando iniciou. Isto porque foi definido desde o princípio entre os associados que não se aumentaria o número de componentes da Associação, muito embora algumas famílias tenham saído enquanto outras se agregaram ao grupo. Além das feiras da praça central, durante os meses de verão, o grupo também realiza sempre aos sábados uma feira no Balneário Mostardense, a “Praia Nova”. Motivados pelo sucesso do projeto, outros agricultores também adotaram a ideia e hoje promovem uma feira quinzenal

na Praça Olegário Cunha e, nos períodos de veraneio, na Praia de São Simão.

A feira ao fortalecer e incentivar a produção dos produtos locais tradicionais favorece também a diversificação produtiva nas propriedades destas famílias, na medida em que os agricultores buscam atender as demandas de seus interlocutores da cidade. Algumas das famílias já têm na feira e na produção orgânica de alimentos sua principal fonte de renda, que estimula a manutenção da agricultura familiar e do cultivo de produtos orgânicos.

Apesar das incertezas e dificuldades encontradas ao longo dos anos de participação na feira, a expectativa atual dos agricultores é positiva, tanto com relação à feira e aos cultivos que mantém como também ao aperfeiçoamento do manejo agroecológico da unidade produtiva como um todo. Isso em parte por estarem construindo no município, juntamente com o Escritório Municipal da EMATER/RS-ASCAR e a Prefeitura Municipal, o Programa de Aquisição de Alimentos na modalidade de doação simultânea. As políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar e comunidades tradicionais, também são apontadas como fatores dessa perspectiva de consolidação da produção orgânica.

Muitos desafios, entretanto, ainda estão colocados ao grupo. Um deles é a melhoria na infraestrutura disponível na praça para a comercialização de seus produtos, visto que a mesma não oferece condições ideais principalmente em dias frios e chuvosos. A questão sanitária também se coloca como um importante desafio, na medida em que dificulta a comercialização de produtos de origem animal e vegetal processados.

Outro fator a ser superado está no impasse relacionado ao caráter orgânico ou não dos produtos da feira. Mesmo que desde sua concepção os feirantes se propõem a não utilizar agrotóxicos e adotarem princípios agroecológicos, não consideram sua produção orgânica e não iniciaram qualquer processo de certificação da mesma.

A principal explicação gira em torno da terra que cultivam ser concebida como contaminada. Eles denunciam a contaminação de seus cultivos pela deriva dos agrotóxicos aplicados nas lavouras de arroz do entorno, seja por via aérea ou terrestre. A própria água e a terra em que cultivam são consideradas contaminadas. Ao serem questionados sobre a ausência de certificação orgânica, integrantes do grupo afirmam: “Nossas terra aqui tudo é envenenada [...] é orgânico porque eu não boto, mas os outros botam”.

A afirmativa é efeito da visão sistêmica presente na cosmovisão desta população. Não se trata aqui de sistemas convencionais em transição, mas sim de agricultores onde a agroecologia é parte da percepção de mundo. Sistemas produtivos tradicionalmente orgânicos que hoje são contaminados tanto pelo efeito da deriva de agrotóxicos como pela inserção de insumos em seus sistemas por força de mecanismos comerciais.

Chama-se atenção, por fim, para a relação de correspondência da experiência

descrita com um problema social que atualmente se coloca como um grave problema rural do município. A deriva de agrotóxicos atinge uma grande quantidade de famílias rurais e, quando estas não desejam ter contato com tais substâncias, fica explícito um ato que lesa sua liberdade de escolha.

Agradecimentos

Agradecemos às famílias agricultoras do Município de Mostardas, em especial aos participantes da Feira da Freguesia da Terra que levam semanalmente alimentos locais, sadios e de qualidade ao acesso da população.